

TESOURO de Corneliu Porumboiu_ 5 de Janeiro de 2017

sinopse Costi leva uma vida tranquila em Bucareste (Roménia), com a mulher e o filho de seis anos. Certo dia, Adrian, o vizinho do lado, chega a sua casa para lhe pedir dinheiro emprestado. Ao perceber a recusa de Costi, o vizinho explica que precisa de uma certa quantia para alugar um detector de metais e, com ele, encontrar um tesouro que, muitos anos antes, o avô enterrou no quintal. Os dois concordam em unir esforços: Costi arranja o dinheiro para o detector de metais; em contrapartida, Adrian promete dividir o tesouro. Mas o que vão encontrar é algo totalmente inesperado...**Com assinatura do aclamado realizador Corneliu Porumboiu, esteve presente no Festival de Cinema de Cannes, onde recebeu o prémio Un Certain Talent.**

Título original: Comoara (Roménia / França, 2015, 89 min.)
Realização e Argumento: Corneliu Porumboiu
Interpretação: Toma Cuzin, Adrian Purcarea, Corneliu Cozmei
Fotografia: Tudor Mircea
Produção: 42 Km Film / Les Films du Worso / Rouge International
Estreia: 27 de Outubro de 2016
Distribuição: Leopardo Filmes
Classificação: M/12



Comédia do absurdo em tom romeno

João Lopes, DN

Corneliu Porumboiu é um dos nomes mais importantes da vaga realista do cinema romeno a que também pertence, por exemplo, Cristian Mungiu — em "Tesouro", a sua visão clínica combina-se com um desconcertante humor.

Pelo menos desde que Cristian Mungiu arrebatou a Palma de Ouro de Cannes, em 2007, com "4 Meses, 3 Semanas e 2 Dias", sabemos que existe um cinema romeno em que a exigência realista vai a par de uma sensibilidade muito apurada para as contradições de uma sociedade ainda marcada pelas heranças traumáticas do comunismo. Nesse contexto, Corneliu Porumboiu é também um nome fundamental.

Com a estreia de "Tesouro", lançado também em Cannes, em 2015, na secção "Un Certain Regard", reencontramos o humor do peculiar universo de Porumboiu, num tom que faz lembrar o clima quase burlesco de "12:08, A Este de Bucareste" (2008), retrato desconcertante e implacável de uma estação regional de televisão.

Neste caso, é mesmo de um tesouro (real ou imaginado...) que se trata. A saber: um homem mobiliza o seu vizinho para a tentativa de encontrar as riquezas que estarão enterradas no jardim de uma propriedade rural da sua família — a pouco e pouco, os protagonistas vão-se revelando figuras anedóticas de uma história que não controlam, instalando-se um clima de comédia do absurdo.

O que confere à visão de Porumboiu uma eficácia muito especial é o facto de ele nunca ceder à facilidade de transformar a comédia em mera colecção de anedotas mais ou menos descartáveis. Nada disso: no seu humor amargo, "Tesouro" é também um filme que não abdica do carácter despojado do seu realismo. Em boa verdade, esta é a visão de alguém que sabe expor os mais pequenos detalhes de uma sociedade em conflito com a sua própria identidade.

A caça aos gambozinos

Jorge Mourinha, *Publico* de 27 de Outubro de 2016

O novo filme de Corneliu Porumboiu, *O Tesouro*, subverte todas as expectativas.

E se, em vez de partirmos do pressuposto de desconfiar de toda a gente, fizéssemos o oposto e decidíssemos confiar no vizinho do quarto andar que nos veio pedir dinheiro emprestado?

Tesouro é isso: a história de uma “caça ao tesouro” que tem tudo de aparente “caça aos gambozinos” improváveis, daquelas com que todos os miúdos sonham antes do mundo real se encarregar de destruir as ilusões: ir para o jardim da vizinha, para os baldios por trás do prédio ou para o miradouro do bairro à procura de um tesouro enterrado.

No caso do filme de Porumboiu, o tesouro de família está supostamente enterrado numa propriedade rural na Roménia contemporânea, país que tem sido filmado pela “nova geração” de cineastas como em ressaca das feridas da era comunista e demasiado deslumbrado pelo materialismo ocidental. Quem nos garante, por isso, que a história do vizinho de cima não passa de um esquema para sacar dinheiro a quem também não o tem?

A verdade, essa, é que Porumboiu evita todas as armadilhas que o seu filme lhe coloca – que são muitas e quase inevitáveis – com uma inteligência e um rigor notáveis, inspirando-se na realidade que o rodeia. A propriedade existe e pertence à família de Adrian Purcarea (o actor profissional que interpreta o vizinho), e *Tesouro* começou por ser um documentário sobre a história do tesouro que corria na família antes do realizador dar a volta para uma ficção rodada em parte com actores não profissionais. Daqui sai aquele que será o filme mais optimista do realizador, projectando uma transferência de sonhos de geração para geração e a possibilidade de que esses sonhos se realizem.

Tudo isto com a economia invejável de meios a que o mais minimalista e conceptual dos cineastas desta “Nova Vaga” nos habituou: uma unidade quase aristotélica de acção, tempo e espaço (três-quatro actores, dois-três cenários, três actos mais prólogo e epílogo), uma maneira de contar histórias banais com uma atenção aos pormenores que só à superfície não têm importância. Basta ver como a história da Roménia está sempre a dar uma dimensão adicional à narrativa – o que torna ainda mais extraordinário o modo tão simples como Porumboiu encena. *Tesouro* confirma como algum do melhor, mais consistente e mais acessível cinema moderno vem da Roménia.

